

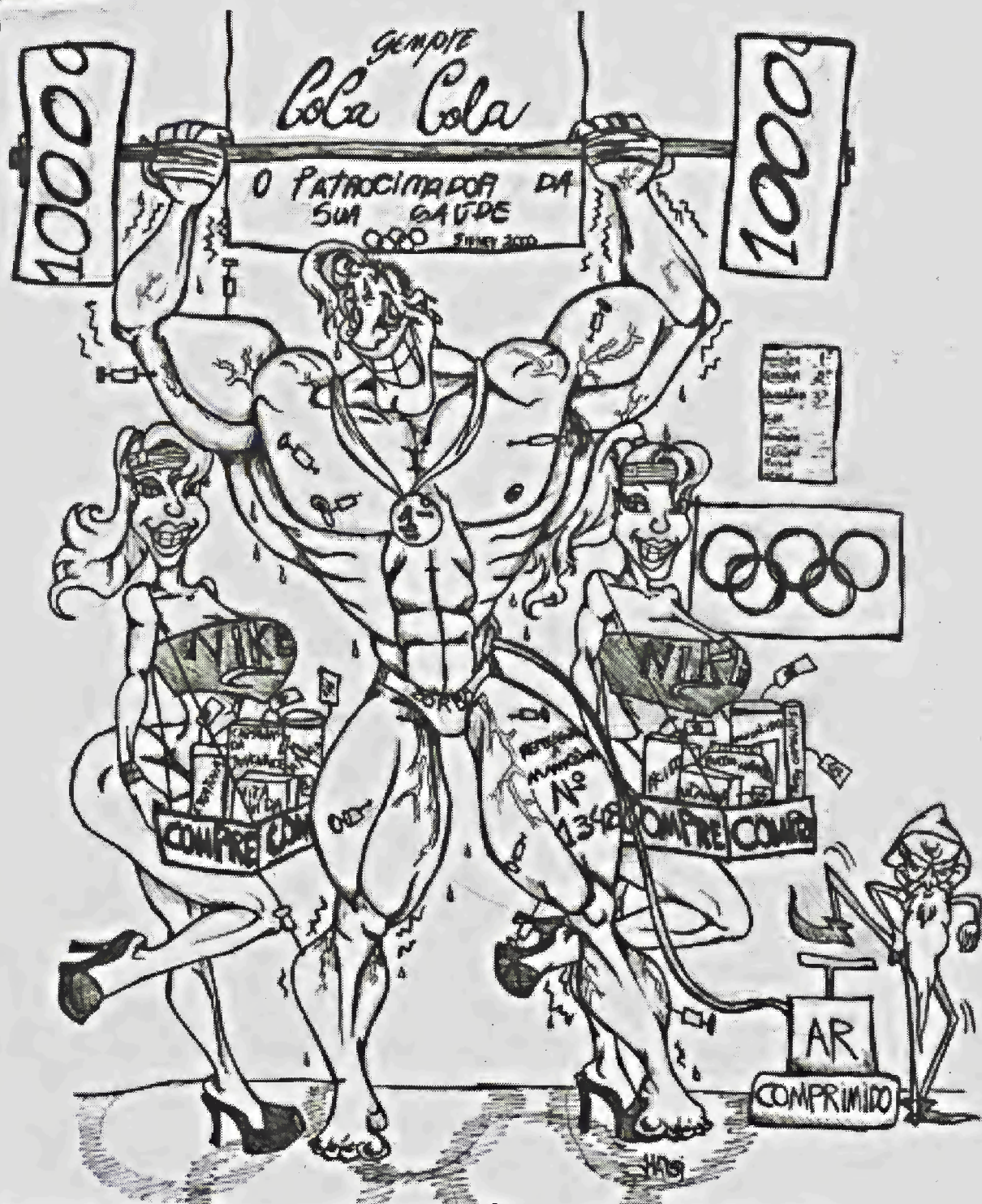
CLÁ DES TINO

NÃO PRETENDER O QUE NÃO NOS É PRÓPRIO

DETURPAÇÃO DAS OLIMPIADAS

OLIMPIADAS:

CONDICIONAMENTOS



DEFORMAÇÕES \$ NEGÓCIOS

(página 3)

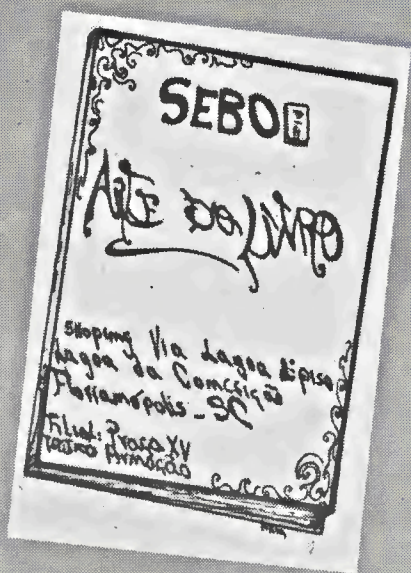
EI, ESCUTA!

- Luame: no próximo número publicamos um exemplo da sua boa poesia.

- Anarquistas do Brasil: temos recebido boletins e revistas que nos atualizam e nos fazem pensar nas possibilidades reais do Movimento Nacional a partir da fundação de uma comunidade Anarquista. O CLÃ DESTINO oferece parte de um belo vale para a experiência aqui na Pinheira / Palhoça, SC. Escrevam-nos!

- Estamos remetendo exemplares do CLÃ a todos os endereços que temos. Quem quiser que se habilite.

- Jairo: achamos que os teus comentários dizem e fazem muito mais pelo Abduzido do que os nossos, portanto aí vão.



NO LEME

Apreciados que foram nossos comentários e protestos sobre o Encontro de Cultura Libertária no Clã Destino nº 11, vemo-nos obrigados a voltar ao assunto, face às colocações de um(a) anônimo(a) organizador do citado, que exige a publicação da avaliação oficial do referido. Na seção das Considerações Filosóficas, respondemos ao anônimo de passagem, preocupados que estamos com os efeitos negativos das recentes Olimpíadas e das comemorações nacionais do 1º aniversário do CLÃ DESTINO: VIVA NOIS!

EXPERIDENTE:

Textos - Apa e Thor

Arte - Hatsu, Luna

Composição / Arte final - Angela

Correspondentes - Jairo, Nelson, Arnaldo, Pepe, Kim, Julio, Uby, Silvio, Beto, Kaminsk

Internacionais - Fusico, Garran, Tui, Sansha Bernarda, Nequema, Boltar, Ivalu, Catuxa

Gráfica - Agnus



O que você não disse
ao Papa nem à sua
mãe,
escreva no CLÃ
DESTINO

C. Postal 10149
Lagoa da Conceição
Florianópolis (SC)
CEP:88062-970
Fone: (48)283-1139

DETURPAÇÃO DAS OLIMPIADAS

Como conseqüência à expressão DO PÓS MODERNISMO NEO-LIBERAL, os jogos OLÍMPICOS da Austrália atingiram o máximo da deturpação estabelecida pelos condicionamentos dos atletas em processo deformativo e pelo volume de negócios e exploração do suor, das lágrimas e do sacrifício de milhares e milhares de jovens desportistas frustrados ante tão poucos compensados pelas medalhas.

E ainda o pior: toda uma população internacional levada à exacerbação de sentimentos negativos pátrios, racistas e iconoclastas através à mídia da imprensa mundial.

E ainda a conseqüente necessidade de participação nos jogos de países pobres que investem seus minguados recursos em delegações e equipes mal preparadas, que só frustraram e desvalorizaram seus conterrâneos — como é o caso do Brasil entre dezenas de nações em piores condições.

E ainda a burrice pretensiosa dos governos desses países, dispostos a maiores sacrifícios para comparecerem aos próximos jogos, demonstrando assim, a dependência imitativa a que estão sujeitos.

Estabelecida, portanto a unanimidade burra olímpica, não há crítica, avaliação em profundidade dos efeitos nocivos à humanidade provocados por tais deturpações e traições ao princípio e aos fins do “mens sana in corpore sano” transformado em MENTE DEPRESSIVA EM CORPO DEFORMADO.

...porque toda especialização indispensável às vitórias, ou à sobrevivência oferecida pelas atividades e empregos pós-modernos, leva inexoravelmente ao empobrecimento existencial à deformação psicofísica, às neuroses.

Ante tal realidade é gritar no deserto: ENCERREM OS JOGOS OLÍMPICOS! mas, justamente, tal realidade contém a esperança da transformação radical das olimpíadas em verdadeiro conagraçamento dos povos que comemorarão atos e feitos heróicos pela humanidade já em obras e peças, que seriam na ocasião, apresentadas a todo mundo.

Então, os líderes daqueles feitos haveriam de coroar os heróis anônimos das populações que tornaram possíveis os atos consagrados

NÃO PRETENDER O QUE NÃO NOS É PRÓPRIO

Sim! Por sermos humanos, latinos sul-americanos, não quer dizer que somos obrigados a fazer e participar nos acontecimentos promovidos pelas nações do Norte, como os europeus ou norte-americanos, ainda mais em eventos competitivos, nos quais o poder econômico - político deles e as condições mesológicas em que vivem, proporcionam técnica, especialização e desenvolvimento físico que os torna campeões olímpicos, assim mesmo baseados em atletas de outras origens como os afro-americanos. Com estes que temos até em maior quantidade, poderíamos também brilhar nos jogos, como acontecia no futebol, esporte no qual nos dedicamos e nos especializamos graças à concentração de recursos em detrimento a outras modalidades.

Mesmo com o tetra, mais algumas outras vitórias no vôlei e em certas provas atléticas no passado, devemos reconhecer que nos faltam condições não só econômicas como psicofísicas para pretender e insistir em SER O QUE NÃO NOS É PRÓPRIO, insistência esta mais por imitação, que vem nos causando frustrações, angústias e a desvalorização do que realmente somos. Ou seja, existencialmente, como já dissemos, somos mais alegres, amorosos e sensuais do que aqueles biótipos competitivos.

Ora, esta vantagem significativa, desde que reconhecida e aprimorada, nos situaria tranqüilamente no pódio e na realidade tipológica de um país tropical, isto se deixássemos de participar nas olimpíadas, por concluirmos que a deturpação, a especialização e as deformações psicofísicas evidentes e conseqüentes dos jogos, não compensam os sacrifícios necessários às medalhas; conclusão que tornaria difícil ou rara a intensidade da catarse promovida pelas competições olímpicas, emoções e empatias necessárias ao viver, mas que podem ser atingidas por outros meios como a poesia, ou o repente, os cânticos e o teatro épico principalmente, e também pelo futebol, embora de forma mais grosseira.

Assim, pouco perderíamos se ficássemos na nossa e não entrássemos na deles.

É o que precisamos, não só quanto às olimpíadas, mas em todas as atividades que não correspondam à nossa natureza, às nossas características.

Afinal, manter a individualidade e as tendências que fazem nosso destino contra todas as globalizações e internetes massificadoras, deveria ser a maior preocupação dos brasileiros e o sentido sagrado da nossa realização.

CRÔNICAS DO REGRESSO

Renato De Gasperi

Dia Primeiro.

Os grandes nautas, sabeis,
Jamais saldaram todas as suas dívidas.

E quem souber dizer:
Aqui e agora!
Com toda solenidade
de um magistrado idoso
será imortal apenas
aqui e agora...

Há sombras que passam apunhaladas
e deixam um rastro de luz...

Quantas vezes hospedamos
desconhecidos suspeitos
que se revelaram anjos;
e velhos amigos que escondiam
mapas de pirataria e sangue...



Dia Segundo.

Quem não conheceu ao menos um profeta
que lhe dissesse coisas sem sentido
com um olhar que imobiliza o pensamento?

Não devemos ser vãos
nos momentos solitários.
Existe onde não supomos
um historiador em contínua espreita.
Façamos gloriosos todos os momentos.
Já não existem discípulos capazes
de encobrir tudo com parábolas...

É impossível distinguir exatamente
quando os oceanos mudam de nome.
As fronteiras inexatas são terríveis,
porque não sabemos quando declarar
vitória.



(Olá, Renato, Bento Gonçalves / RS. Estamos à sua procura ansiosamente. E mesmo sem a sua autorização, publicamos os dois primeiros dias da tua viagem genial.)

O Abduzido

Rompimento, coragem, libertação consciente dos conceitos, regras, valores literários, isto é o Abduzido, tão necessário nestes tempos de superação em que todas as linguagens já foram tentadas, mas que ainda não se encontrou a nova. Assim, cada autor libertário tenta a sua, como a que Jairo realizou – no meio das telúricas catarses.

De: [Jairo Batista Pereira <jairobp@vizinnet.com.br>](mailto:jairobp@vizinnet.com.br)
Assunto: Entrevista sobre O abduzido

1. Meu livro "O abduzido" nasceu de minha insatisfação com o processo cultural brasileiro, que traduzi em forma de ficção, caoticamente, colocando Hermes Lucas Perê no caminho daqueles que não valoram a arte e a cultura, como se deveria valorar. Quixotesicamente o personagem então aparece como anjo vingador dos artistas recusados - do passado e do presente - e insurge-se contra o assassinato das voçações e a imposição dos editores das mesmas figurinhas carimbadas, que nada mais de novo nos trazem, no que tange aos avanços de código, forma e conteúdo. Em suma, o livro é uma espécie de *Salão dos Recusados* da escritura.

2. A questão da abdução, é meio empregado para demonstrar o distanciamento do alter ego do autor, das relações cotidianas, de como ver as coisas de cima. Estar no mundo da arte e do pensamento é estar abduzido, apartado do social imediato. Várias são as variantes da expressão *abduzido*, no contexto do livro, e aquela óbvia, do seqüestro da personagem por Ets., tem como finalidade tornar a obra mais ficcional do que autobiográfica.

3. O livro foi escrito em no máximo seis meses, em fins de 97 e primeiro semestre de 98. A editoração (forma) demorou quase mais que o ato de escrevê-lo em si. Pensei-o em um ano. Um ano e pouco. Depois foi um golpe só de escrita, jorros espessos, para não perder a espontaneidade que caracteriza esse tipo de **literatura, meio/beatnik, que impõe o psiquismo do autor, seus desequilíbrios construtivos, converte tudo isso em palavras, sem que haja tempo para racionalizar a frase, aquela frase certinha e vazia, que os autores da linha realista da literatura dominam e já encheram o saco de meio-mundo.**

4. "O abduzido" traz também o arcabouço da filosofia estética simplíssima que pratico no dia-a-dia. Todo autor tem seus métodos, de como interferir nos objetos, enfim, sua prática no exercício do estético. E isso também fiz, demonstrando minha pobre, psicologia da composição.

Uma vida medíocre de advogado no interior, não me habilita aos gestos megaventurosos. Só pela imaginação. Só pela literatura. O então de ser-me o outro nas relações.

5. Escrevi alguns livros de poesia. O manifesto do Antilugar da Poesia e um livro de contos (O artista de quatro mãos). Editei por conta própria. Nunca recebi a visita do institucional. Tenho outros livros inéditos de poesia acabados. **Nesse "O Abduzido" limpei-me por dentro, pus tudo num único e definitivo livro, como alguém que não voltará a escrever mais.**

**Durmo sempre de janela
aberta
meu quarto
tem caminho livre
para as estrelas**



**Abduzo
sentimentos
gestos**

**caprichos diminutos
porque não nasci aqui
onde penso (pensam)
que existo**

Jairo B. Pereira

**Blocos — Editora
(0xx21) 637.1636**



CONSIDERAÇÕES FILOSÓFICAS

Dignidade e honradez são pra quem não se esconde atrás de um bilhete anônimo, querendo a publicação de uma avaliação oficial do Encontro de Cultura Libertária que, a não ser para os próprios acadêmicos nada tem a ver com o sentido e a realidade do viver anarquista. Daí não publicarmos a dita avaliação, mas sim o bilhete quase indecifrável – o que deve satisfazê-lo (a) – enviado com a dita avaliação.

No mais, teoria nada é para o anarquista, se não for testada ou não se confundir com a prática, o que é impossível para professores que ainda não foram demitidos ou não se demitiram. Isto porque a obrigação de ensinar e cumprir o programa da pedagogia oficial elitista exclui o acadêmico das suas possibilidades anarco-existenciais e o torna um agente a serviço do capitalismo. Que a sobrevivência econômica justifica? Então, que sejam justificados os genocídios, as guerras etc., etceterá. Mas se agissem subversivamente, dando em cada aula a necessidade da ação revolucionária ou das tendências libertárias em cada aluno, então...então seriam abraçados como companheiros...mesmo que demitidos.

W.Rio Apa

ILHA, Setembro 2000

CARO RIO APA,

SAÚDE.

ESTOU ENCANTADAMENTE A
AGRADECENDO DO ENCONTRO DE
CULTURA LIBERTÁRIA, NA
ESPERANÇA QUE TENHA
A DIGNIDADE E HONRADEZ
DE PUBLICAR UM TEXTO
QUE ESCULPISSE AS
AFIRMAÇÕES DE MÁ FÉ E
INDIGNAS DE UM LIBERTÁRIO
DO SR. HELOS.

VOCE ESTOU NO ENCONTRO
E PODERIA LIVREMENTE
TIRAR SUAS CONCLUSÕES
SAÚDE E LIBERDADE

Literatura em Teatro

Depois de falar com a jovem Citaa que ainda ama e cuida do asceta - Vitor vê da ponte Yong acertando a compra do barco, onde pretende morar.

O NOVO DEUS

W. Rio Apa

“- Onde está o barco? Deve ser aquele...”: /na água (entre tantos), com malaios, famílias chinesas, crianças / gritos, vozerio / mulheres lavando panelas, roupas...: “-Que confusão!? É vida! Preciso...

- Lá está Yong?” E aquele deve ser o dono do barco... coberta de palha. Ainda bem que não é de plástico... não ia agüentar o calor... banco, proa coberta pelo convés, mastro arreado sobre a cabine: “Obá! Deve ter vela! E pelo jeito o negócio está fechado... sem motor... uns cem dollars. Ainda sobra o suficiente para alguns meses. Lá vem Yong... sorrindo.

- Eei!?” – Ué, passou direto....? É claro... assim o dono não me vê. Vou atrás do baixinho... Parou na saída da ponte... Está mais alegre do que eu.

- Bom negócio! Paga oitenta. Yong volta, compra e leva barco lá. Depois da ponte. Naquele pequeno cais. Está vendo?

- Sim. Ótimo! Aqui estão: cinqüenta... setenta, oitenta. E mais dez da tua comissão e do transporte de ontem.

- My fend.... Ah, noite Yong volta pra levar amigo pra indian dancer. Agora leva barco pro cais.

- Gostei dele. Dá pra um casal?

- Casal mais concubina... que nem Yong tem.

- É por isso que a China está superlotada.

- Ah, bom vizinho pra Vito. Mestre Suang... de tai-chi-chuan.

- Não me diga! Será que ele me ensina? Eu estava aprendendo...

- Ensina, sim. Falo com ele. Vai no cais e espera.

/a suavidade (do balanço)... o som (da água)... vozes... a proa (por entre a abertura da lona (da cabine)... o forro (pintado) branco... as cavernas (na curvatura do casco)

- Ainda boas.”... fico bem aqui... dormir, ler... fazer comida naquele fogaosinho a carvão... fazer tudo sentado. Vou ter que recuperar a posição de lótus...: Nhur... (no pé da coluna) e eu ante ele... vazios:... /angústia (do nada).

- É... como todos, acaba-se em nada. Pra isso se vive... mas enquanto se vive: se ama, se luta... A imobilidade em que se encontra o Nhur, é a anti-vida, é a morte. Ele já estaria morto se não fosse a Citaa... coitada. Mas nenhum iogue fica assim como Nhur. Catalepsia, auto-hipnose, disse o professor. Seja o que for... eu não pretendo a morte em vida, mas sim, a plenitude da vida íntima... na unidade... no vazio...: “...as mãos dirigindo (independentes) o navio... o corpo no salto (em suspenso)...: -”O suspenso é o vazio?

- Ora... que comparação besta com o processo de disciplina, mortificação de um asceta! Porque Nhur sendo ou não sendo é, em princípio, um asceta em realização unitária... da qual não pode sair...; está preso em si mesmo! Vitu! Vitu!

-Vito! Indian dancer! Vem!

(cont.)

CARTA ABERTA AOS NOSSOS JOVENS OLÍMPICOS DERROTADOS

Não fosse o implicar da ironia, eu começaria esta carta dando os PARABÉNS A VOCÊS PELAS DERROTAS sofridas nas recentes olimpíadas, pois com os fracassos vocês demonstraram que nós brasileiros não somos dominados pelo sentido da técnica e da especialização, seja nos esportes ou em qualquer outra atividade importante como a econômica, científica ou cultural, mas somos, isto sim! existencialmente mais capazes, isto é, sabemos intuitivamente, viver prazerosa e criativamente, tanto é verdade, que fazemos amor muito mais vezes do que aqueles povos, cujos representantes ganharam quase todas as medalhas de ouro e prata.

Que o fato comprovado em recentes pesquisas, não justifica ou compensa o fracasso nacional nas competições olímpicas?

Que seria mais importante e glorioso, amar menos e vencer mais lucrativamente nos negócios, ou rir e se divertir menos, mas ganhar prêmios Nobel demonstrando, por exemplo, capacidade científica de provocar choques nas partículas do átomo e assim gerar a BOMBA ATÔMICA? Ou nos tornarmos a nação mais poderosa do mundo em detrimento a nossa sensibilidade de apreciação das nossas mulatas e outras tendências sensuais que nos caracterizam?

Que uma coisa não exclui a outra? Que podemos ser tanto técnicos e especialistas nos esportes, nas artes, nos negócios sem deixar de ser existenciais, amantes incansáveis e gozadores do sentido trágico da vida?

Pensam assim, é? Ou estão condicionados à imitação e a seriedade comercial, cultural, produtiva e consumista pela mídia paga pelos países do primeiro mundo? E que assim sendo não teríamos uma maioria pobre e doente como os dois terços de miseráveis da população humana, gerados e mantidos pelos interesses econômicos e imperialistas daqueles países.

Não teríamos, é?! E a dívida nacional que a usura primeiro-mundista impõe ao Brasil? Ah, que vão pensar por si mesmos mais profunda e realisticamente a partir de agora!? Ótimo! Comecem então a aliviar a frustração pelas derrotas – até no futebol!? – face às considerações acima, que nos são favoráveis, principalmente aquela de que sabemos amar e viver melhor ou mais alegres do que os campeões deformados pelos anabolisantes e futuros depressivos dos jogos deturpados de Sydney. Daí os parabéns a vocês, derrotados pelo esforço demonstrado nas competições e pela oportunidade que as derrotas proporcionaram para nos situar tal como somos em nossas qualidades humanas e existenciais que AINDA SERÃO ASSUMIDAS E ENSINADAS E PRATICADAS COMO PRIMEIRO DEVER DO SER INDIVIDUAL ANTE A TRAGICOMÉDIA DA VIDA.

APA